



Descentralamento do livro e da escola como eixos do saber

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na escola.** São Paulo: Contexto, 2014. 155 p.



Temáticas e materiais diversos advindos da experiência do autor/educador compõem esse livro que apresenta reflexões sobre a interface entre comunicação /educação. Um esquema de convicções que permeia e tensiona essas reflexões funciona como farol para trilhar as ideias de Martín-Barbero neste livro. A primeira convicção é que a escola não mais pode servir como parâmetro, pois não corresponde às demandas da sociedade em rede, prendendo-se a um modelo ultrapassado temporal e espacial. A segunda é a que convoca abandonar a concepção maniqueísta relativa à dimensão que vincula a educação à transmissão da herança cultural e outra que se liga ao compromisso de capacitar os alunos de modo a centralizar sua inserção no campo profissional,



capacitação que deve dialogar com a formação da cidadania, indispensável para a construção de uma sociedade democrática.

A terceira convicção diz respeito à necessidade de fortalecer a escola pública que, atrelada ao Estado, fica à deriva das diretrizes neoliberais e de demandas mais emergentes voltadas à gestão de conflitos sociais, o que a torna mais distante de uma política estratégica e de longo prazo; a quarta refere-se ao papel da tecnologia que se coloca à margem da sala de aula e da cultura, esta última ainda entendida como reduto das letras e das belas artes. Martín-Barbero avisa, ainda, que o modelo humanista da educação centrado no livro precisa ser revisto, a fim de atender as próprias mutações na condição humana. Ancorado na proposta de *hominização* de Michel Serres (2001), isto é, da proposição de um homem novo, resultante da mutação produzida pela técnica, o autor enfatiza a urgência de um novo tipo de aprendizagem que venha ao encontro dos nossos sonhos e utopias.

Dentre todas essas convicções que pontuam as ideias de Martín-Barbero, a questão do livro e sua descentralização enquanto eixo do saber recebe nossa atenção. Em contraponto à insistência de mantê-lo como ponto de partida e de chegada do processo cognitivo, já que nos mantém protegidos da “nova barbárie midiática”, uma educação que se abre à comunicação vê a imagem adentrar a torrente da cognição, desmistificando o *establishment* sedimentado pelo logocentrismo. Contudo, pensar o livro como parte dos meios de comunicação intensifica sua desmistificação, pois vendo-o definido a partir da materialidade de seus suportes, das modalidades de suas escrituras, das mudanças de seu uso social, o que fica de fora é a história de exclusão que sempre protagonizou.

A atual crise da leitura entre os jovens é atribuída menos à sedução exercida pela tecnologia do que pela diversidade de escrituras que hoje circulam e pelos novos “modos de ler” que elas demandam. A ruptura com a linearidade sequencial (direita para esquerda), com a verticalidade (de cima para baixo), tanto física quanto mental, que impregnou todo um modelo de aprendizagem, é decorrente da fragmentação imposta pelos novos meios, sobretudo pelo hipertexto, que retira o livro do centro.

Mas o velho medo da imagem reaparece travestido de espetacularização legitimada pelo prestígio intelectual. E a cultura audiovisual encontra na escola seu



maior reduto de resistência. O que se escamoteia é que o mundo audiovisual desafia a escola em níveis mais específicos: “o da ‘sociedade da informação’ e o dos novos espaços e formas de socialização” (p. 65). O contato permitido com os meios e com a tecnologia não se dá como estratégia de conhecimento, mas pelo uso instrumental. A escola esgueira-se, dessa forma, da emergência de um ecossistema educativo – requisitado pela revolução tecnológica – que se constitui não apenas de novas máquinas ou meios, mas de novas linguagens, escritas e saberes, conformado “pela hegemonia da experiência audiovisual pela tipográfica e a reintegração da imagem ao campo da produção de conhecimentos” (p. 66).

O dualismo de que o livro está para a razão, assim como a imagem está para as projeções irracionais, partícipe do terreno da simulação e das manipulações consumistas, é, assim, relativizado pelo autor, à medida que o livro constitui-se peça-chave para a “primeira alfabetização” voltada à escritura fonética; enquanto as outras escrituras – do videogame ao videoclipe, do grafite ao hipertexto – correspondem à *segunda* “alfabetização”. Diante desse quadro, a visibilidade da imagem dá lugar à sua legibilidade. Esses novos modos de ler se fazem imprescindíveis, sobretudo frente à premência de se oferecer ao aluno/cidadão o conhecimento do sentido social da vida e a vivência da democracia.

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza – Universidade de Sorocaba – Uniso. Sorocaba | SP | Brasil. Contato: luciana.souza@prof.uniso.br